



# FORMAÇÃO DOCENTE NO CENÁRIO PANDÊMICO: O CONTAR- SE E (RE)CONHECER-SE PROFESSORA EM MEIO UMA METAMORFOSE ESCOLAR

Gabriela Santana da Costa<sup>1</sup>, Nilton Paulo Ponciano<sup>2</sup>

[gabi.sdc.26@gmail.com](mailto:gabi.sdc.26@gmail.com)<sup>1</sup> [nilton.ponciano@ifms.edu.br](mailto:nilton.ponciano@ifms.edu.br)<sup>2</sup>

Instituto Federal do Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo.** A Pandemia da Covid-19 trouxe grandes impactos para diversos setores, o que gerou uma necessidade de novos comportamentos e adequações para a sociedade. Pensar o ensino como parte desses setores que, de uma hora para outra, se viu completamente desconfigurado, requer a necessidade de refletir acerca de uma figura que esteve presente nestas transformações, o professor. Assim, o objetivo aqui é debater acerca do processo da formação docente em meio ao contexto da educação na pandemia do Covid-19, pela ótica de uma educadora que experiencia tais mudanças em um processo considerado por alguns pensadores com “metamorfose escolar”. Esta pesquisa recorre à metodologia de cartas, a fim de retratar a experiência docente como processo de investigação-formação. Dessa forma, o artigo considera que a experiência do contar-se professora no cenário pandêmico do Covid-19, demonstra a possibilidade de abertura para novos diálogos e novos fazeres e, por conseguinte, permite estabelecer um reconhecimento docente pautado na relação entre as transformações ocorridas e a sua (auto)formação.

**Palavras Chave.** Pandemia da Covid 19- Formação Docente- Metamorfose Escolar

**Abstract.** The Covid-19 Pandemic brought great impacts to various sectors, which generated a need for new behaviors and suitability for society. Thinking about teaching as part of these sectors that, from one moment to the next, was completely disfigured, requires the need to reflect on a figure that was present in these transformations, the teacher. Thus, the objective here is to discuss the process of teacher training in the context of education in the Covid-19 pandemic, from the perspective of an educator who experiences such changes in a process considered by some thinkers as “school metamorphosis”. This research uses the methodology of letters, in order to portray the teaching experience as a research-education process. In this way, the article considers that the experience of being a teacher in the Covid-19 pandemic scenario demonstrates the possibility of opening up to new dialogues and new actions and, therefore, allows establishing a teacher recognition based on the relationship between the transformations that have taken place. and its (self)formation.



**Keywords.** Covid 19 Pandemic- Teacher Training- School Metamorphosis

**Resumen.** La Pandemia del Covid-19 trajo grandes impactos a diversos sectores, lo que generó una necesidad de nuevos comportamientos y adecuación a la sociedad. Pensar la docencia como parte de estos sectores que, de un momento a otro, quedó completamente desfigurado, exige la necesidad de reflexionar sobre una figura que estuvo presente en estas transformaciones, el docente. Así, el objetivo aquí es discutir el proceso de formación docente en el contexto de la educación en la pandemia de la Covid-19, desde la perspectiva de un educador que vive tales cambios en un proceso considerado por algunos pensadores como “metamorfosis escolar”. Esta investigación utiliza la metodología de las letras, con el fin de retratar la experiencia docente como un proceso de investigación-educación. De esta forma, el artículo considera que la experiencia de ser docente en el escenario de la pandemia de la Covid-19 demuestra la posibilidad de abrirse a nuevos diálogos y nuevas acciones y, por tanto, permite establecer un reconocimiento docente a partir de la relación entre las transformaciones que han tenido lugar y su (auto) formación.

**Palabras clave.** Covid 19 Pandemia- Formación Docente- Metamorfosis Escolar

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por origem o primeiro capítulo de uma dissertação de mestrado, onde vem sendo desenvolvida a fim de pesquisar sobre o processo de re (invenção) docente em meio ao cenário da COVID-19, o que possibilita ainda com que educadores/ colegas de profissão visualizem nesse processo o modo como cada um em meio às situações de conflito, ou crises precisaram buscar e até mesmo conhecer novas ferramentas para contribuir para uma nova forma de ensinar.

O intuito da pesquisa não consiste em trazer respostas, ou citar práticas formativas de educadores que vivenciaram esta pandemia, mas sim objetivamos para esta pesquisa debater acerca do processo da formação docente em meio ao contexto da educação na pandemia do Covid-19, pela ótica de uma educadora que experiencia tais mudanças em um processo considerado por alguns pensadores com “metamorfose escolar”.

Pensamos uma escrita a partir da minha narrativa enquanto participante, pois fui uma professora que também vive esse processo e que como tantas passou a questionar as práticas e situações enfrentadas neste novo tempo e cenário, além de colegas companheiros da mesma realidade, buscamos ainda apresentar os sentidos desvelados nas ações desses educadores que, como eu, se viram imersos em um processo de re(descoberta) e re(construção) da sua figura enquanto professores.



Nessa perspectiva, nasce a presente pesquisa sobre a justificativa de investigação acerca das narrativas de educadoras que, a partir do contexto pandêmico, se apoiam no seu processo de autoformação a fim de perceber os sentidos presentes nessas construções de si e de suas práticas docentes através das experiências.

## 2. PANDEMIA: UM NOVO CENÁRIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Desde muito nova tinha em mente a carreira que gostaria de seguir, ser professora para mim estava além de uma profissão, considero esta escolha uma missão de vida e de trajetória, construir uma jornada pautada no ensino desde o começo não foi fácil, para tanto acredito que em minha jornada como pedagoga de formação e professora como atuação jamais imaginaria o maior desafio que enfrentaria nesta longa caminhada. Nem de longe imaginei como de uma hora para a outra o mundo pudesse parar e afetar tantos setores, inclusive o da educação.

A história que embasa essa pesquisa começa quando no dia 31 de dezembro de 2019 começa a se discutir sobre vários casos de pneumonia, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Segundo a Organização Pan- Americana da Saúde, tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

Os noticiários, rotineiramente, passaram a divulgar em suas programações atualizações acerca daquele cenário de indagações e que, agora, tornaram-se uma situação de preocupação pública. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava a Covid-19 como uma pandemia<sup>1</sup>, tendo em vista a expansão geográfica da doença. Nessa perspectiva, as escolas, assim como diversos espaços públicos, passaram a ser fechadas, acerca disso, estima-se ainda que quarenta e oito milhões de alunos tenham sido afetados com essa decisão. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020)

---

<sup>1</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é a disseminação mundial de uma doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.



Em Manaus-AM, região de grande fluxo de tráfegos fluviais, de repente começou a presenciar o cancelamento das viagens por barcos e balsas (principal meio de transporte) para as comunidades ribeirinhas e os municípios vizinhos. Lembro de assistir nos telejornais, pessoas relatarem que não teriam como retornar para suas casas e famílias, ficando uma sensação de estarmos vivendo uma era do caos, de grandes desafios que se avizinhavam.

É frente a este cenário que caracterizamos o ano de 2020 como um ano atípico, com a chegada do vírus SARS-Cov-2, tendo em vista as diversas mudanças que ligeiramente fomos nos inserindo, as adaptações que a cada notícia precisávamos fazer para garantir o cumprimento de nossas profissões e mais ainda para que apesar de tudo tentássemos nos manter seguros, bem como nossas famílias e as pessoas que estavam ao nosso redor.

Nesse cenário, no final de janeiro de 2020, os primeiros reflexos de uma crise passaram a existir no Brasil, mediante o debate que a Organização Mundial da Saúde- OMS classificou como o surto do novo coronavírus, uma emergência de saúde pública (ESSPII). Esta representaria o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (2020).

Em concomitância, surge a necessidade do uso de máscaras e o expressivo cuidado de higiene pessoal. O simples fato de lavar as mãos com água e sabão era figura presente em todos os espaços públicos e privados. É neste cenário de incertezas e modificações que surge a necessidade de suspensão das aulas, como proposta das medidas de enfrentamento e proteção para o vírus SARS- CoV-2, uma vez que o encontro entre docentes, discentes, pais e administrativos tornava possível uma maior proliferação do vírus.

Essa pandemia cruza o caminho da educação, trazendo uma diversidade de incógnitas e impactos para toda comunidade escolar (gestores, pais, professores e discentes). Até aquele presente momento não se havia presenciado situação de isolamento social parecida na educação, era negado o direito de abraçar, tocar às mãos, encontrar amigos ou receber parentes etc. Não tínhamos como negar essa situação que, cotidianamente, foi se agravando, em especial para Manaus-AM, até direcionar os olhares do mundo para nossa capital.

Em Manaus, os primeiros registros da doença surgem no dia 06 de março de 2020, e chega de forma avassaladora. Logo os jornais passam a noticiar o verdadeiro caos instalado frente ao cenário pandêmico da Covid-19. Hospitais passam a funcionar nos seus limites de leitos das Unidades de Terapias Intensivas (UTI), constantemente fomos nos deparando com



manchetes relatando sobre diversas precariedades em no sistema público de saúde, como a falta de oxigênio, de leitos na UTI, de medicamentos, sem contar as notícias que circulavam nas redes sociais e determinado tipo de imprensa falada e escrita par o tratamento da Covid-19, sem comprovação científica, contribuindo, para um grande colapso da saúde pública.

Em um artigo no portal “*Brasil El país*” a Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas destaca que no mês de abril de 2020, a doença alcançou os bairros mais populosos e as periferias, e que por conta desse fato a ocupação dos leitos das Unidades de Terapias Intensiva (UTI) se deu de forma assustadora e preocupante, bem como o serviço funerário que entrara em colapso, utilizando-se até mesmo de valas coletivas por falta de espaço e de coveiros, a reportagem cita, ainda, que até as funerárias privadas esgotaram seus estoques de caixão. (EL PAÍS, 2020).

Esse debate levanta outra questão nesse vasto universo, que foi o surgimento e a proliferação da pandemia em Manaus, as desigualdades sociais ficaram ainda mais evidentes. Segundo um estudo da FIOCRUZ Amazônia, a gravidade da pandemia da Covid-19 em Manaus e o elevado número de mortes tiveram suas raízes “na grande desigualdade social, fraca efetividade de políticas públicas e fragilidade dos serviços de saúde na cidade.” (FIOCRUZ, 2020)

Nesse período, ficava ainda mais evidente que parte da população não teria acesso a serviços básicos que os valeriam como segurança pessoal, pois a população passou a ter que comprar máscaras, álcool gel, dobrar o uso com materiais de limpeza, tudo que poderia auxiliar para evitar uma maior proliferação da doença pelos espaços que circulávamos. É nesta perspectiva que o vírus da Covid-19 ganhou sua amplitude nos bairros periféricos, cidades ribeirinhas com dificuldades de acesso, além de evidenciar esse desequilíbrio enquanto sociedade.

É importante destacar, ainda, que segundo o Fundo Nacional de Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em uma pesquisa que contempla os períodos de março a dezembro de 2020, a região Norte foi a menos favorecida no que se trata de repasses do Governo Federal. Essa situação pode se refletir na medida em que o caos se instalava, sem verbas públicas direcionadas, chegou-se ao ponto de hospitais apresentarem deficiência até mesmo para cuidados de higiene básica dos que ali estavam ou necessitavam de cuidados.



A pandemia não tinha precedentes, nem tão pouco havíamos vivenciado algo parecido, a cada dia a sensação que cada cidadão tinha era de desespero, medo de perder suas vidas ou perder pessoas queridas. Sem saber ao certo do que se tratava e como proceder neste cenário de incertezas e dúvidas, as primeiras medidas foram sendo adotadas em diversos setores, entre eles a educação. Para a educação, diversas propostas para um acompanhamento significativo foram surgindo, como foi o caso da estratégia do ensino remoto emergencial.

### **3. ENSINO REMOTO: IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES PARA O EU PROFESSORA**

No Brasil, a portaria nº 343. 17.03.2020, sinalizava que devido a Covid-19, o ensino presencial seria ofertado através das aulas remotas, enquanto o *status* de pandemia fosse vigente, no período de 30 dias podendo haver prorrogação (Brasil, 2020).

Exercitar a carreira docente mediante um cenário de transformação certamente não seria algo fácil, passamos a lidar com novos caminhos e formas completamente diferentes das que estávamos habituadas para construir nossos trajetos. É nesse contexto que a Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020 estabeleceu normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. A proposta do Ensino Remoto Emergencial<sup>2</sup> retrata acerca dessa busca por estratégias resultantes de tantos decretos que foram surgindo durante a proliferação do vírus, e da preocupação com a situação do ensino nas escolas de nosso país.

Com esta nova legislação as escolas precisaram se reorganizar institucionalmente e estruturalmente, tendo em vista, os cuidados e prevenções necessárias que o tempo da Covid-19 exigia. É nesse período que passamos a adotar como estratégia o Ensino Remoto Emergencial, na busca por uma proposta que auxiliasse a nós, enquanto professores e os discentes no acompanhamento e realização das atividades.

Acerca das medidas adotadas no cenário da pandemia da Covid-19 Governo estadual e municipal passaram a organizar instrumentos legais que auxiliassem nesse enfrentamento,

---

<sup>2</sup> Compreendemos o conceito para Ensino Remoto Emergencial como caráter daquilo que é temporário e visa minimizar os efeitos negativos de situações específicas no que diz respeito à saúde física e mental. (AVAMEC, 2020)



como a criação dos decretos que tratavam sobre esse novo cenário, tais como os decretos abaixo:

- Decreto nº [4.780](#), de 16 de março de 2020, que declarou situação anormal, caracterizada como emergencial no Município de Manaus;
- Decreto nº [4.787](#), de 23 de março de 2020, que declara estado de calamidade pública no Município de Manaus para enfrentamento da pandemia do COVID-19;
- a continuidade do ano letivo de forma remota, com atendimento às aulas por meio do Projeto Aula em Casa, instituído pela Portaria nº [0380/2020](#) - SEMED/GS e regulamentada pela Instrução Normativa nº 001/2020 - SEMED/GS;

Vale ressaltar que outros documentos jurídicos educacionais foram editados e criados, na medida em que a situação se proliferava em nossa sociedade. Na prática, esses decretos tornaram o exercício docente uma prática com muitas incógnitas, uma vez que não havíamos experienciado, nem tão pouco estávamos preparados para a jornada do ensino remoto emergencial.

Nesse tempo pandêmico precisamos adequar nossas atividades, construir novos planejamentos, criar atividades com propostas diferenciadas, desenvolver novas metodologias etc. Com o passar do tempo, diversas lacunas foram ficando cada vez mais evidentes, como o acesso pelos alunos às novas aulas, a percepção dos docentes para com a realidade dos seus alunos mediante esse cenário de crise, os enfrentamentos sociais e coletivos que as famílias passavam, o esgotamento físico e mental que nós enquanto docentes deste período passamos a vivenciar, entre outras que constantemente foram surgindo nessa construção da docência em meio ao Ensino Remoto Emergencial.

Compreendemos que a condição do ser professor nesse período, certamente estava pautado no que Freire (2021) trata por intervenção no mundo, ou seja, a educação ganha um objetivo macro onde surgiu-se uma necessidade em nós enquanto professores enxergarmos o nosso cotidiano e colaborar para a vida dos nossos educandos. E, assim, acredito que nós professores fomos assumindo essa postura, na medida em que cada educador criava suas estratégias dentro dessa proposta maior do Ensino Remoto Emergencial.

Essa compreensão estava alinhada no cenário de crise, às nossas preocupações, aos nossos desafios para além da prática pedagógica, às decisões que tomaríamos e que



desencadearia para novas trajetórias de ensino. Cada professor desse período precisava buscar mecanismos que os auxiliasse nessa intervenção e na compreensão do tempo vivido.

Intervir em um mundo que estava completamente desalinhado e lutando diariamente contra um vírus, sem muitas armas e tantas dúvidas, era exercício frequente. O ensino remoto em Manaus-AM, tornou-se um solo que pisamos, mas, ainda com muito receio, por que não sabíamos como construir nossas relações neste modelo? Como avaliar o processo da aprendizagem discente? Ou como preparar as atividades para uma proposta completamente nova? Eram essas indagações que fazíamos a cada novo planejamento ou reunião pedagógica.

Se pensarmos acerca dos dados referentes às questões educacionais no período pandêmico, percebemos que a problemática das desigualdades esteve ainda mais presente, no que se refere ao aumento e até mesmo à compilação desses dados. Ao analisar alguns gráficos percebemos que as novas estratégias só se tornariam possíveis de acontecer, como vimos no que trata acerca da implementação do ensino remoto nas escolas públicas, se o contexto e a realidade vivida fossem também ponderados e discutidos.

A questão não era somente de preparar atividades e encaminhá-las, passamos a nos preocupar com questões que estavam além dos muros da escola. Acesso à internet, as aulas que seriam passadas pela televisão, possibilidades de algum responsável ir à escola buscar novas atividades de apoio etc. Esses aspectos evidenciam que o trabalho docente necessitava de uma construção coletiva, precisávamos montar uma verdadeira rede de interação com os diversos segmentos escolares.

Em um artigo no site “*Correio Brasiliense*” (2020) é possível acessar uma pesquisa realizada pelo Datafolha, encomendada pelo Itaú Social, Fundação Lemann e Imaginable Futures, que confirma a informação de que 74% dos estudantes das redes municipais e estaduais do país receberam algum tipo de atividade não presencial durante a pandemia. Datada no ano 2000, quando a questão da pandemia explodiu pelo mundo, a pesquisa aponta, ainda, os índices por região, e os números são bem divergentes, apresentando como menor índice a porcentagem para região Norte. Vejamos:

<b>Quadro 2. ESTUDANTES QUE RECEBERAM ATIVIDADES ATRAVÉS DO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19</b>	
REGIÃO NORTE	52%



REGIÃO NORDESTE	61%
REGIÃO CENTRO-OESTE	80%
SUDESTE	85%
SUL	94%

Fonte: Elaborado pela autora/ Informações: Fundação Lemman/ Itaú Social/ Imaginable Futures

Esses dados retratam como cada região buscou criar e elaborar suas estratégias para lidar com a questão do cenário pandêmico. Durante esse tempo, as evidências que surgiam a todo momento demonstram como essas demarcações regionais expressavam ainda mais o aumento das desigualdades sociais educacionais. Em Manaus a equipe de professores, gestores e corpo docente precisou elaborar novas formas de ensinar pautadas nessa nova condição, o que tornava o trabalho ainda mais peculiar e, muitas vezes, dificultoso.

Durante o Ensino Remoto Emergencial tornou-se comum encontrar pessoas relatando que tínhamos nos tornado professores, psicólogos, administrativos, blogueiros, *youtubers*, etc. Essa perspectiva de diversas funções surge na medida em que construíamos nossas estratégias para aprendizagens dos discentes, tendo em vista, uma cadeia de problemas estruturais e sociais que permeavam todo o contexto da educação no cenário pandêmico em nossa região.

#### **4. FORMAÇÃO DOCENTE E METAMORFOSE ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19**

Não é novidade que a educação sempre passou por fragilidades, não obstante, com o cenário da COVID-19, essas ficaram ainda mais evidentes. Para Nóvoa (2022), a educação do século XXI já não cabe no formato escolar do final do século XIX, são novos tempos, novos alunos e consequentemente novos contextos e dilemas enfrentados. É nesta perspectiva que o autor trabalha a ideia desta nova organização escolar proposta a partir de uma “metamorfose”, onde é necessário ter coragem para vislumbrar uma transformação. Esse processo, por sua vez, está associado basicamente a três pilares: O sistema de ensino, a Escola e a Pedagogia.



O autor apresenta a ideia de que ao lidarmos com o cenário pandêmico estamos nos relacionando e enfrentando não somente os entraves pessoais, mas, também, questões coletivas, que dependem por muitas vezes de questões institucionais. Nesta perspectiva o sistema de ensino possibilita pensar a organização escolar de forma estrutural, é a ideia de repensar novas práticas a partir da forma como nossa sala de aula estava organizada, os tempos de aula, os conteúdos, as propostas curriculares, ou seja, repensar o modelo escolar numa perspectiva também de transformação de modelos e crenças arraigadas para a escola.

O segundo pilar destacado por Nóvoa (2022), trata da importância dos laços de confiança entre as escolas, as famílias e os discentes, ou seja, nessa dimensão fica evidente que essa escola, ao vivenciar uma metamorfose estabelece relações de proximidade e interesses que nos direcionam positivamente para alcance do nosso objetivo maior. A construção desses laços possibilita pensar a Escola como parte dessa trajetória, é pensar este lugar como um lugar de possibilidades, de mudanças e de transformações.

O terceiro pilar está relacionado a pedagogia, que Nóvoa (2022) alerta para o papel do educador neste cenário. Compreender os sentidos do fazer docente nessa perspectiva é, justamente, perceber essa relevância da sua autonomia profissional, ou seja, refletir sobre sua prática nos faz pensar em (re) descobertas das nossas próprias experiências.

Neste pilar a reflexão é tratada a partir de nossas atitudes em sala de aula para com nossos educandos e nossas relações, mediando o novo cotidiano escolar. Nessa perspectiva pensar a educação na pandemia sob uma ótica do processo da “metamorfose” requer compreender a formação desse professor como uma formação que não abandona sua antiga didática, mas, a partir desse fenômeno se reconfigura e adequar novas propostas necessária com o tempo e momento experienciado.

Sobre esse cenário da escola no período pandêmico sustentado em três pilares, uma metamorfose está se configurando no cotidiano escolar, como Nóvoa (2022, p.29) alerta ao observar que:

Em poucos dias foi possível alterar o que muitos consideravam ser impossível mudar: desde logo, o espaço das aprendizagens, da sala de aula para casa, com todas as consequências na vida familiar e social; depois, a organização do trabalho, da lição para o estudo através de trabalhos propostos pelos professores, realizados num continuum diário e não no tradicional horário escolar; finalmente, as modalidades de trabalho docente que se alteraram profundamente, com recurso a atividades várias, sobretudo através de dispositivos digitais.



Ao compreender este novo cenário e as adaptações que nós enquanto educadores na pandemia fomos experienciando, Nóvoa (2022) esclarece que apesar de toda essa mudança, o que nós vivenciamos não pode ser entendido como um processo de desintegração, pois, não há um abandono das antigas etapas vividas.

Talvez desintegrar a escola seja mais fácil, sugere Nóvoa (2022), romper e seguir em frente, ou voltar ao normal. Já no entendimento de que a escola passa por uma metamorfose, é impossível o retorno para esta normalidade moderna da escola do século XIX e XX, é necessário que passemos por aquela situação de enfrentamento e reflexão e, a partir de então, analisar o que funcionou, ou que nos serviu de aprendizagem para, assim, iniciar o processo de transformação sem negar o seu processo histórico.

A escola no período pandêmico tornou-se um espaço que precisava propiciar ambientes de aprendizagens de forma diferenciada, tínhamos agora um novo tempo, novas configurações no espaço e, conseqüentemente, novo cenário de organização escolar. Quando o cenário pandêmico surge em nossa cidade, é perceptível que ser uma professora em meio a esta situação representa algo para além do fazer docente. Pensar a escola como um bem público requer ter em mente os seus objetivos e seus ideais, é pensar esta escola como uma instituição como aquela que carrega experiência, mas que também produz através das relações ali estabelecidas.

A coletividade do processo, por sua vez, salienta a ideia de que ao pensarmos neste lugar como um lugar de acontecimento, e das relações, estamos legitimando para esta escola os interesses de toda uma sociedade e de seu contexto. Quando a pandemia surgiu não afetou somente uma questão administrativa, ou docente, ela envolve todo o seu cotidiano escolar e as partes nela estabelecidas, ou seja, a sociedade escolar. Pensar uma escola, mesmo com as dificuldades enfrentadas, que me possibilitasse promover um trabalho em conjunto, uma aprendizagem ativa, bem como o sentimento de pertencimento de cidadania, de democracia, tornou-se um dos meus maiores objetivos enquanto professora.

Então, como construir ambientes propícios de aprendizagens para meus educandos em meio uma escola em tempo pandêmico? Uma escola que estava em pleno processo de metamorfose?

Mudança é a primeira resposta, e sem ser repetitiva, mudar era preciso. Quando precisei mudar o ambiente de ensino, percebi que as mudanças partiram tanto do coletivo,



como do individual. No coletivo se fizeram necessários a união de professores, da gestão escolar e toda a equipe, para que o ritmo e o desenvolvimento de nossos educandos não fossem perdidos. No individual, quando precisei buscar leituras e orientações acerca do que seria possível realizar com os alunos, mesmo como professora receosa, minhas concepções e crenças passariam por embates e conflitos ocasionados pela incerteza de ser um professor nesse período.

Ser professora em meio ao cenário de conflitos e grandes desafios percebidos com a pandemia da Covid-19 representa a minha (auto) construção profissional, não somente uma experiência completamente nova, mas, também, possibilitou a exploração das configurações que nós, enquanto professores, vamos desenvolvendo e construindo em nossas trajetórias de vida e de escola.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar uma formação docente em meio esse cenário instaurado pelo que foi a Pandemia da Covid-19 requer perceber a sensibilidade de um processo completamente novo e desafiador. Ao conhecer e precisar aprender sobre novas propostas e metodologias que nos permitiram ainda fazer com que cada educador se tornasse ao mesmo tempo participante e autor de sua própria trajetória docente.

Ser professor dentro de uma metamorfose escolar, ou seja, um educador presente em um momento de grandes mudanças e de questionamentos fez emergir para minha atuação docente e de tantos outros colegas um reconhecimento docente ainda mais valorável e necessário. Enxergar-se educador em meio às construções que gradativamente fomos reorganizando para nossa atuação, possibilita enxergarmos um novo cotidiano escolar e realizar diversas articulações necessárias para o sentido do ser/fazer professor em meio a Covid-19.

Nessa perspectiva, compreender sobre o cotidiano escolar nos ajudava a pensar a figura do professor para além de um ouvinte e considerá-lo “praticante de cotidianos”, pois, assim, o professor exerce influência e gera ações reflexivas no meio que está inserido.

Durante este novo cenário que a pandemia gerou em nosso país, pude pensar a prática de um educador que compreende seu processo autoformativo mediante as situações enfrentadas no seu cotidiano escolar, ainda que de conflitos e incertezas, como ser uma



professora da pandemia, ou seja, é possível pensar a ação do educador para além do fazer, o professor pode e deve agir no seu meio com intuito de colaborar com práticas positivas e que agregam novas aprendizagens para si e para a sociedade educativa a partir dos problemas que surgem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria nº 343. 17.03.2020. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Publicado em: 18/03/2020 | Edição: 53 | Seção: 1 | Página: 39

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MANAUS (AMAZONAS). Decreto nº 4.780, de 16 de março de 2020. Diário Oficial do Município. Publicado em 17 de março de 2020.

MANAUS (AMAZONAS). Decreto nº 4.787, de 23 de março de 2020. Diário Oficial do Município. Publicado em 24 de março de 2020.

MANAUS (AMAZONAS). Portaria nº 0380/2020 - SEMED/GS e regulamentada pela Instrução Normativa nº 001/2020 - SEMED/GS.

MANAUS (AMAZONAS). Portaria nº 343. 17.03.2020, - SEMED/GS e regulamentada pela Instrução Normativa nº 001/2020 - SEMED/GS.

MENDONÇA, Heloísa. **A difícil tarefa de combater o coronavírus em Manaus, onde metade da população vive em favelas**. EL PAÍS, 2020. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/a-dificil-tarefa-de-combater-o-coronavirus-em-manaus-onde-metade-da-populacao-vive-em-favelas.html>/ Acesso em 09/08/2022.

NÓVOA. Antônio. **Escolas e Professores**: Proteger, Transformar, Valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SANTOS, Ana Luísa. **74% dos alunos da rede pública recebem atividades EAD, diz pesquisa**. Correio Braziliense, 2020. Disponível em [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino\\_educacaobasica/2020/06/24/interna-educacaobasica-2019,866568/74-dos-alunos-da-rede-publica-recebem-atividades-ead-diz-pesquisa.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_educacaobasica/2020/06/24/interna-educacaobasica-2019,866568/74-dos-alunos-da-rede-publica-recebem-atividades-ead-diz-pesquisa.shtml)/ Acesso em 09/08/2022.



---

SEIXAS, Marlúcia. **Desigualdades sociais contribuíram para o aumento de mortes por Covid-19 em Manaus.** FIOCRUZ, 2020. Disponível em <http://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdades-sociais-contribuiram-para-o-aumento-de-mortes-por-covid-19-em-manaus/> Acesso em 15/08/2022.

TRICATE, Myriam. PEA UNESCO: a educação à distância contra a pandemia. **Revista Educação**, 2020. Edição 265 Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/03/25/educacao-a-distancia-unesco/> Acesso em 30/09/2021.